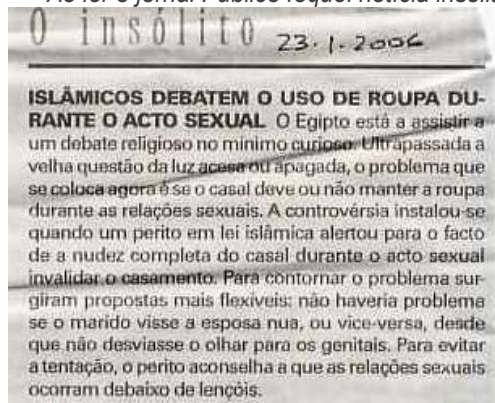


O dia acordou arejado, o mais fresco desde que cheguei. No carro 6 °C. Em Ponta Delgada 9º. De acordo com o calendário, frente à secretária, era dia 23 janº 2006.

Ao ler o jornal Público foquei notícia insólita: “Islâmicos debatem o uso de roupa....”



À luz ou às escuras? Apagada, torna tudo muito mais louco: apalpões, encontrões, tropeções. Manter a roupa? Deve ser sempre mantida, antes, durante e depois, pois é mais quentinho e aconchegado. No campo *ou no monte* alentejano espera-se que ele esteja de ceroulas e samarra e ela de saíote, combinação e chancas.

Como seria nas velhas dinastias praticantes de safada e jesuítica hipocrisia?

Teriam um buraco no camisão de noite?

Quando os reis e príncipes se encontravam com amantes ou barregãs, haveria intimidade e dispensavam vestes?

O Freitas do Amaral na biografia do primeiro rei esqueceu-se de abordar o tema.

A literatura medieval e posterior, atazanada pela sede persecutória da Inquisição deixou a lacuna.

Atenção investigadores, apliquem-se e estudem o tema em profundidade.

Haverá alguém interessado num inquérito para ver quantos casamentos são inválidos?

O resto da população regressará à pacatez islâmica e cumprirá as normas: nudez total nunca!

Eis a prova porque é que Portugal sofre de todas as maleitas e baixa estima nacional.

Finalmente sei porque o desemprego aumenta, as empresas deslocalizam, a pátria espera pelo salvador que não se chama Sebastião em noite de nevoeiro, nem é de Santa Comba Dão.

Agora sei por que razão a igreja criou a Inquisição. A 17 dezº 1531, o Papa Clemente VII, instituiu-a, mas um ano depois anulou a decisão. D. João III, renovou o pedido e encontrou ouvidos favoráveis no Papa Paulo III que cedeu, em 23 maio 1536, para durar até 1821.

A crer na História, na Idade Média o quotidiano era preenchido por devassidão, depravação, desregramento, intemperança, libertinagem, devassidão, e a Igreja teve de agir.

Agora é a vez do Egito, com 477 anos de atraso, verificar a gravidade do problema que pode invalidar casamentos.

Se fosse em Portugal quem sabe quantos seriam os casamentos anulados?

Também neste particular podemos dar umas dicas aos egípcios: ao preço a que a eletricidade está, deve ser sempre de luz apagada, com os parceiros totalmente vestidos por faltar verba para aquecimento. Nem se consegue imaginar doutra forma.

Infelizmente o debate não vem a tempo para perguntar ao Presidente da República que infração cometeu. Imagine-se a discussão nos 27 países e o debate no Parlamento Europeu.

Por mais tolerante que seja, isto dá comigo em doido. Se seguir a norma ora decretada no Egito nunca estive casado!

Isto sem contar as noites quentes passadas, em tantos países, em que absolutamente me esqueci dos lençóis.

E na praia com luar? ou quando era novo e acampava?

E na fase louca em que vivi com os hippies na Beach House em Díli? Ou em Pattaya, Tailândia, Macau, Bali (Indonésia), Kuwait City, Brasil, Espanha ou Perth com 43 °C.

Invoco já doença degenerativa do foro psíquico ou amnésia súbita.

Ainda bem que não fui ao Egito, caso contrário penava na cadeia do Cairo.

Admira o primeiro-ministro não dar uma conferência de imprensa.

O Papa, se calhar, vai exigir o mesmo dos católicos.

Estou convicto de jamais ter cometido um ato de qualquer natureza com uma cidadã que professasse a religião islâmica, vou rever apontamentos.

Ouvi a frase num filme “*Sou casado, tenho filhos, mas você é linda. Quer fazer amor comigo?*” mas creio ser mais romântico “*Voulez-vous coucher avec moi?*” frase divulgada na música “*Lady Marmalade*” por Bob Crewe e Kenny Nolan. A origem é de 1922 num poema de E. E. Cummings conhecido pela estrofe “*little ladies more,*” que contém a célebre frase.

Popularizada em 1975 por Patti LaBelle, Nona Hendryx e Sarah Dash, versões em 1998 pelos All Saints e 2001 por Christina Aguilera, Lil’ Kim, Mýa e Pink num “single” para a banda do “Moulin Rouge!”

A frase aparece na peça de 1947 de Tennessee Williams "Um elétrico chamado desejo." David Frizzell e Shelly West gravaram um disco country em 1980 com esse título. Em 1973, a atriz porno, política e parlamentar italiana, Ilona Staller (Cicciolina), atingiu a fama com "Voulez-vous coucher avec moi?" na Rádio Luna.

Houve uma atraente jovem, a meu lado, num voo rumo à Europa, dissera ser libanesa, de seis em seis horas erguia-se, estendia o tapete portátil, como quem abre um computador de viagem, perguntava onde ficava Meca e punha-se a orar a Alá. Nunca se deve fiar no que dizem. Nem a tentei converter nem ela quereria. Não seria mártir e não se fizera explodir?

Evoco as gaiatas persas no voo Air France, Paris - Banguécoque em 1973.

O Xá Reza Pahlavi no poder na Pérsia e Farah Diba era nome de imperatriz. As meninas ricas passavam a vida em Paris a comprar joias e vestidos. Pareciam ocidentais de beleza exótica e pele levemente tismada. Nunca mais as vira. Nem eu nem ninguém.

O Xá foi apeado e a Pérsia desvaneceu-se no Irão islâmico que desafia o ocidente e nega o Holocausto com mulás, aiatolas e polícias à paisana para levantarem as burcas às jovens e verificarem o rímel ou batom, essas manifestações decadentes da civilização ocidental.

Quantas não recordariam com saudade os tempos sem burca?

A civilização retornara à idade da pedra com poderio nuclear, açoitando os criminosos, empalando mulheres, cortando mãos, enforcando homossexuais.

Uma vez no bar do hotel *Steigenberger* de *Frankfurt-am-Main*, a jovem sarracena, atraente, sorriso enigmático e mil e uma noites lendárias, abordara-me com sinais de cabeça, já a noite ia alta. A atração das Arábias. Como se respondia nos interrogatórios judiciais "Aos costumes disse nada." Não recordo se argelina, marroquina, ou maltesa com sangue francês.

Ou fora em Paris? Em Madrid não fora decerto, poderia ter sido em Londres ou Roma, Dubai, Abu Dhabi, Kuwait, Kuala Lumpur ou Banguécoque. As memórias entrecortavam-se, rostos sem nome e nomes sem rosto, lugares e momentos sem legendas.

Aeromoças, companheiras de viagem, companhias de ocasião em busca de almas e corpos solitários. Nada sabia, nem nomes nem faces, nem a história.

E depois havia a miúda, uma gaiata hospedeira da Cathay Pacific que telefonava e aparecia sempre que ia de Hong Kong a Sydney. Gestas que o tempo perdera. Episódios sem pontas para atar no balanço de vida hedonista.

Acreditem, era absolutamente demolidor.

Nunca me lembrei de lhes perguntar a religião, nas estadias em cidades exóticas.

Estava mais interessado em partilhar culturas e experiências do que descobrir o que se escondia por trás dos véus.

A sociedade vai agitar-se, imagino conversas em voz baixa no café, a fazerem perguntas e a tirarem notas, sabe-se lá o que farão para apanhar um pecador desprevenido. O país sempre foi um covil de bufos. Que se cuidem os incautos, a fé pode abalar montanhas.

Decidi, se for exposto à ira islâmica, torno-me homem-bomba e faço-me explodir, direito ao céu onde 72 virgens me aguardam, após a consagração de mártir do califado Al Andaluz..